



Chico Bento e as representações sociais da infância

José Douglas Alves dos Santos¹, Éverton Vasconcelos de Almeida²

¹Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Centro de Ciências da Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação. Rua Engenheiro Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade. Florianópolis-SC. Brasil. ²Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Autor para correspondência/Author for correspondence: jdneo@hotmail.com

RESUMO. Os registros visuais, e os discursos que eles transmitem, ou que deles se emitem, geram leituras sociais e contribuem para a construção de um imaginário coletivo. Este artigo propõe realizar uma reflexão sobre o imaginário em função dos sujeitos que vivem no campo, mais especificamente às crianças e infâncias rurais, por meio de um dos principais símbolos de representação da criança camponesa brasileira, o personagem de Chico Bento, criado pelo cartunista Maurício de Sousa. Constata-se que essa produção visual, produzida no contexto urbano e endereçada especialmente aos habitantes da cidade, muitas vezes (re)produz discursos sobre o campo e seus sujeitos permeados por estereótipos e preconceitos. Neste caso, considera-se que a produção cultural imagética tem grande relevância na construção do olhar e da leitura social que a ela se direciona.

Palavras-chave: Chico Bento, Crianças e Infâncias do Campo, Produção Cultural, Representações Sociais.

| | | | | | | |
|------|-----------------------|------|-------|---------------------------|------|-----------------|
| RBEC | Tocantinópolis/Brasil | v. 4 | e6446 | 10.20873/uft.rbec.v4e6446 | 2019 | ISSN: 2525-4863 |
|------|-----------------------|------|-------|---------------------------|------|-----------------|



Este conteúdo utiliza a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License
Open Access. This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

Chico Bento and the social representations of childhood

ABSTRACT. The visual records, and the discourses they transmit, or that emit them, generate social readings and contribute to the construction of a collective imaginary. This article proposes to accomplish a reflection about the imaginary in function of the subjects who live in the countryside, more specifically children and rural children, through one of the main symbols of representation of the Brazilian peasant child, the character of Chico Bento, created by the cartoonist Mauricio de Sousa. It is observed that this visual production, produced in the urban context and addressed especially to the inhabitants of the city, often (re)produces discourses about the peasantry and its subject and its subjects permeated by stereotypes and prejudices. In this case, it is considered that the imagistic cultural production has great relevance in the construction of the look and the social reading that is directed to it.

Keywords: Chico Bento, Children and Peasantry Childhood, Cultural Production, Social Representations.

Chico Bento y las representaciones sociales de la infancia

RESUMEN. Los registros visuales, y los discursos que ellos transmiten, o que de ellos se emiten, generan lecturas sociales que contribuyen para la construcción de un imaginario colectivo. Este artículo se propone a realizar una reflexión sobre el imaginario en función de los sujetos que viven en el campo, más específicamente los niños y infancias rurales, por medio de uno de los principales símbolos de representación de los niños campesinos brasileños, lo personaje de Chico Bento, creado por el cartonista Maurício de Sousa. Se constata que esa producción visual, producida en el contexto urbano y direccionada especialmente para los habitantes de la ciudad, muchas veces (re)produce discursos sobre el campo y sus sujetos impregnados por estereotipos y preconceptos. En este caso, se considera que la producción cultural de imágenes es de gran relevancia en la construcción de la mirada y de la lectura social que a ella se dirige.

Palabras clave: Chico Bento, Niños y Infancia Campesina, Producción Cultural, Representaciones Sociales.

Introduzindo: à guisa de contextualização

O sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss afirmara que a “educação da criança é repleta daquilo que chamam detalhes, mas que são essenciais”. (2003, p. 41). Entre estes detalhes que fazem parte do rol de estudos e práticas pedagógicas que objetivam compreender melhor as crianças e seus processos de socialização, de seus processos culturais, está o da sua representação a partir das produções visuais e o imaginário que elas produzem, sobretudo quando se diz respeito às crianças e infâncias rurais.

“Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência”. (Novaes, 2011, p. 477), cabe-nos perguntar que tipo de aparência representaria as crianças camponesas aos olhos dos outros, sobretudo daqueles outros que se situam na cidade. Sabemos da pluralidade do conceito de infância e da condição de criança quando hoje tratamos da diversidade sociocultural em relação a essa fase e esses sujeitos, no entanto ainda é frequente uma cristalização do olhar (Arroyo, 2009; Horn, 2010) quando pensamos nas crianças e infâncias camponesas.

Não é novidade que “a maneira como nós vemos o corpo na experiência cotidiana é afetada, ela mesma, por nossos

hábitos culturais, quer dizer, particularmente, por nossa cultura visual”. (Zerner, 2012, p. 101). O corpo da criança camponesa, representado por ela mesma a partir de nossas concepções – e não somente dela, bem como dos demais sujeitos que vivem no campo –, é visto e percebido por meio das lentes midiáticas que produzem e reproduzem esse perfil de sujeito.

Seus trajes, sua linguagem, seu trabalho, sua vida, não diferem entre um e outro, nem ganham peculiaridades. É como se todos que vivem na zona rural se vestissem com os mesmos trajes, gostassem das mesmas coisas, falassem e se divertissem da mesma maneira, preferissem pés descalços a um sapato confortável. Essas representações estão na maioria dos artefatos visuais e sua repetição nos leva a crer que as coisas são apenas dessa forma. Na maioria das vezes, essas convenções repercutem e engendram um padrão que é bastante difundido e aceito, o que dificulta ou desacelera a possibilidade de emergirem outras formas de representações, mais plurais e, por consequência, modos de olhar mais amplos. (Horn, 2010, p. 197).

Na maioria dos casos, como também destaca Ticiane Horn, ela é concebida “a partir de uma ótica que os coloca em defasagem em relação aos sujeitos urbanos”. (2010, p. 192), o que em certa medida serve de parâmetro, historicamente, para pensar e representar os habitantes do campo: defasados,

atrasados, ingênuos, ignorantes, matutos, brutos, rústicos, até mesmo incivilizados, entre outras expressões semelhantes.

Tais adjetivações são um modo de associar a identidade dos camponeses a um parâmetro construído e produzido pelos homens letrados e urbanos (Brandão, 1983). Desse modo, costuma-se representar o homem e a mulher do campo em comparação ao homem/mulher da cidade – de alguns pontos da cidade, é bom deixar claro. Assim, o camponês é mais adjetivado pelo que ele não é (não é cidadão, sujeito, trabalhador, contribuinte social, inteligente, culto, letrado, produtor, etc.) e pelo que não tem (não tem educação, formação, cultura...).

“Ele é ponto por ponto a face negada do homem burguês e se define pelas caricaturas que de longe a cidade faz dele, para estabelecer, através da própria diferença entre um tipo de pessoa e a outra, a sua grandeza”. (Brandão, 1983, p. 12). Essas caricaturas que desses sujeitos foram feitas têm forte influência no modo como hoje os mesmos costumam ser vistos e representados na contemporaneidade pelos sujeitos urbanos, ainda que o imaginário tenha passado por algumas transformações ao longo do século XX, a partir do crescimento urbano-industrial.

Vale recordar que o menosprezo com o homem do campo tem uma raiz histórica

proveniente da Antiguidade, e que foi reforçada pelo cristianismo na alta Idade Média.

Na Antiguidade, ele é o grosseiro, o rústico, em oposição ao homem da cidade. O camponês não tem sorte com o cristianismo: como ele é quase que o último a se deixar cristianizar, ele se torna para os cristãos, que geralmente moram nas cidades, o pagão por excelência, e o termo pagão, *paganus*, quer dizer também camponês (*paysan*). (Le Goff, 1998, p. 47-48).

Não à toa, muitas cidades serão construídas com muralhas ao redor. “A muralha separa a cidade, lugar de civilização luminosa, e o campo, lugar de rusticidade tenebrosa”. (Le Goff, 1998, p. 119). Ainda segundo o historiador francês, nesse período, de organização social baseada no feudalismo, a pirâmide da sociedade europeia é constituída pelo rei no topo, pelos senhores abaixo deste e pelos camponeses na base.

Se remontamos à Antiguidade, é em Roma, sobretudo, que se cria, do ponto de vista cultural, do ponto de vista dos costumes, uma oposição muito forte entre a cidade e o campo. E é aí que começa a aparecer um vocabulário que vai ser reforçado precisamente na Idade Média. Os homens relacionados à cidade denotam a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância: urbanidade vem do latim *urbs*, polidez, da *polis* grega. A Idade Média herda da Antiguidade latina, e reforça, esse menosprezo pelo campo, sede do bárbaro, do rústico.

Os camponeses são rudes. (Le Goff, 1998, p. 124).

Raymond Williams (1989) também remonta esse contraste entre campo e cidade à Antiguidade clássica. O campo retratado a uma forma natural de vida, enquanto a cidade associada “a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também se constelaram poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação”. (Williams, 1989, p. 127).

Podemos constatar como essa representação do camponês europeu apresenta paralelos com a representação do camponês no Brasil, em uma parte do Brasil de determinado período histórico, quando da ocasião em que o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire realiza sua *Viagem à Província de São Paulo*. Carlos Rodrigues Brandão relata uma descrição feita pelo referido visitante:

“Têm toda a simplicidade e os modos grosseiros dos nossos camponeses, mas não possuem, seja sua alegria, seja sua atividade. Se quinze camponeses de França se reúnem num domingo, cantam, riem, discutem, os de que trato apenas falam, não cantam e não riem e mantêm-se tão tristes depois de ter bebido cachaça, como estavam antes da ingestão dessa bebida alcoólica.” (Viagem à Província de São Paulo)
Eis uma síntese da identidade que não só Saint-Hilaire, mas outros

emissários letrados do país ou de fora criaram para o caipira dos sertões de São Paulo. Eis um mundo ao mesmo tempo privado de produção de cultura sobre a natureza (a agricultura) e de criação de uma cultura na sociedade. (1983, p. 22).

Eis o retrato do homem que Saint-Hilaire (1972) viu e posteriormente Monteiro Lobato (1969) retratou tendo como parâmetro seu famoso personagem Jeca Tatu – o sujeito ignorante por natureza, que “coexiste com o atraso, de quem não é vítima, mas produtor, com a *coivara*, a doença e a absoluta ignorância”. (Brandão, 1983, p. 27) e que contribuiu na disseminação de um imaginário carregado por preconceitos, “na qual permaneceu a imagem do caipira como parasita, preguiçoso, apático, inerte, dado a crendices, covarde, ingênuo, de atitude predatória e, no máximo, doente”. (Parrilla, 2006, p. 116-117).

Se observarmos que as representações sociais afirmam uma relação entre quem realiza a representação e quem é retratado (Burke, 2004), e que o conceito de civilização foi cunhado em países hegemônicos do Ocidente como Inglaterra e França (Elias, 1990), tomando como contrário à sua definição aquilo que não se enquadrava aos padrões normativos de uma suposta civilidade, notamos resquícios que se mantêm particularmente fortes quando associamos determinados

sujeitos e grupos sociais em relação ao que se propõe como uma imagem representativa e ao que se quer dizer por civilização – como costuma acontecer, por exemplo, aos povos tradicionais quando aparecem em diferentes discursos.

Convém destacar ainda que as representações do mundo são construídas pelos sujeitos humanos, não são determinadas de modo natural, já dadas e imutáveis; e embora tenham por tendência uma suposta universalidade fundada em um discurso racional, como salienta Roger Chartier (1990), elas são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam e que buscam formatar o olhar da sociedade. Dessa maneira,

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas... As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. (Chartier, 1990, p. 17).

Esse histórico processo de formação do olhar sobre o mundo, nós mesmos e os outros, pode ser percebida por meio da produção cultural imagética;

neste caso, as imagens são consideradas como potencialmente formativas, como artefatos culturais que longe de serem neutras (Simon, 1995; Burke, 2004) têm grande relevância na construção do olhar e da leitura social que se tem a partir delas.

Muitos teóricos da cultura visual têm apontado o quanto as imagens não são apenas ilustrações para uma cena, um ambiente, um fato, e sim, o quão são importantes ao agregarem informações sobre todo um contexto, aos vários dizeres que a elas se adicionam e à capacidade de serem interpretadas, pela grande maioria das pessoas, no processo de formação do olhar sobre o mundo, sobre nós mesmos e sobre os outros. (Horn, 2010, p. 193).

Segundo Nicholas Mirzoeff (2003), as imagens têm um forte poder de representação, de estatuto da verdade, que interfere na sociedade de modo a criar “realidades” que condicionam o modo de pensar de muitas pessoas. Considerando que o ver, o modo como vemos e interpretamos aquilo que vemos, é histórica e culturalmente produzido, pensar sobre o imaginário social que se tem em relação às infâncias do campo, presente em muitas instituições formativas como a escola e a mídia (Fantin, 2006; Belloni, 2007), por exemplo, contribui para termos uma outra compreensão e relação com essas imagens.

Ressignificando o olhar: Chico Bento e as infâncias no campo

Muitas vezes associa-se o contexto rural, camponês, a uma condição de vida, que estabelece normas e modos de se pensar esse lugar e os sujeitos que nele vivem. Emilia Godoi (2009), inspirada em Elias e Scotson (2000), prefere pensar essa condição mais como uma configuração camponesa, retomando a ideia de processo em relação a uma suposta unicidade histórica e temporal.

De modo geral, o que distingue o camponês de outros sujeitos é a sua relação com a terra, com o ambiente que ocupa, além das adjetivações comumente relacionadas quando comparados com os habitantes da cidade. Assim, a oposição campo/cidade ganha destaque quando se pretende distinguir e definir o camponês (Brandão, 1983; Moura, 1988; Le Goff, 1998; Parrilla, 2006; Souza, 2017).

Apesar das mudanças ocorridas ao longo do século XX, é possível contemplar, em inúmeros discursos, a permanência da concepção de um país dual, pois parece ter persistido a ideia da cidade como local “moderno”, de “progresso” e “velocidade”, de “civilização”, em oposição ao campo “atrasado”, “arcaico”, “incivilizado”. (Parrilla, 2006, p. 146).

Essa concepção, resignificada, sobretudo a partir da segunda metade do século XX – quando as cidades são agora

consideradas lugares de inúmeros problemas, com o aumento populacional, de veículos automotivos, da poluição e dos perigos iminentes, com a falta de empregos, o alto índice de violência nas ruas, a perda gradativa de qualidade de vida, etc. – é com frequência encontrada e divide espaço com o discurso, no mínimo ambíguo, proveniente dessas transformações: o campo seria uma espécie de retiro contra os problemas urbanos.

Já não se busca mais, ou não se pretende, desqualificar o campo, mesmo que este continue como lugar de atraso em relação à modernidade urbana; ele agora é também um lugar de sossego, de paz, de tranquilidade, identificado com o cuidado à natureza, com sua fauna e flora que o diferencia da cidade – e de todos os seus problemas, cada vez maiores, que se introduzem à sua já rotineira e pouco apreciada pressa, velocidade e sua ideia de progresso.

Todavia, essa resignificação torna-se pontual e setorializada, estando mais vinculada a determinados lugares do que aos grupos que neles vivem. Cria-se um discurso na produção cultural que exalta o campo como lugar bucólico (Parrilla, 2006), que não contempla, por sua vez, as pessoas que lá vivem e permanecem para além de um período de férias.

Direcionando nosso enfoque para as crianças, sujeitos que carecem de uma representação mais fidedigna de seus modos de ser e de viver, na “variada gama de produções visuais sobre as infâncias, vamos percebendo os modos como elas são vistas, pensadas, narradas”. (Horn, 2010, p. 195). Nas últimas três décadas muitos foram os trabalhos que ressaltaram o caráter heterogêneo da infância, mudando o enfoque de uma concepção outrora apenas designada no singular, infância, passando a ser considerada e utilizada no plural: infâncias – assim como também aconteceu com juventude.

Esta pluralidade, quando nos referimos à infância e à juventude, é concernente porque tais referências devem ser estudadas e discutidas como construções humanas, que por serem “construções históricas, sociais e culturais, diferenciam-se nos tempos e nos espaços”. (Zucchetti & Bergamaschi, 2007, p. 214). Quando nos referimos à ideia de infâncias, assim o fazemos porque “podemos tomar a existência não de uma única infância, mas de infâncias, dada a pluralidade de situações, especificidades e características culturais disseminadas da vivência cotidiana deste grupo social e geracional”. (Tomás, 2007, p. 121). Portanto,

... faz-se necessário ter consciência de que ao se estudar a infância e a criança, não estamos desenvolvendo um trabalho universal, esquematizando e homogeneizando suas peculiaridades e especificidades. Há infâncias e há crianças, que merecem ser vistas particularmente e de maneira diferenciada no estudo social. (Santos, 2013, p. 28).

Poderíamos supor que diante das múltiplas realidades e contextos onde as crianças se situam, sua imagem poderia estar hoje menos centralizada em um determinado ponto de vista que tende mais a padronizá-la do que a problematizá-la como “objeto”/sujeito investigativo. No entanto, o que notamos é que no imaginário social esses sujeitos ainda são considerados a partir de velhos e conhecidos estigmas convencionais: seres fracos, inaptos, limpos, puros, que só comem, dormem e brincam quando se trata do contexto urbano de classe média-alta; ou seres perigosos, suspeitos, sujos, mundanos, que roubam, se drogam e até matam quando se trata de um contexto periférico, negro, de classe média-baixa.

Guardadas as devidas diferenças, em ambos os casos há algo que coincide nesse imaginário quando tratamos da criança, independentemente de sua origem, classe social, cor ou etnia: são sujeitos que, para muitos, não têm história, não têm experiência, não produzem cultura e pouco

conhecem sobre o mundo – o mundo dos adultos – em que vivem.

Esses românticos ou tenebrosos imaginários (Arroyo, 2009) em nada contribuem para termos uma concepção mais aprofundada e próxima da realidade em relação à infância e suas peculiaridades. “No que tange ao rural”, como afirma Horn, “as infâncias rurais estão sendo abordadas majoritariamente no singular, impedindo que sejam visualizadas de outras formas”. (2010, p. 195). Essas representações, baseadas em diferentes produções culturais/visuais, não apenas dizem sobre as crianças em seus diferentes contextos – ou impõem uma imagem centralizada delas, como pode ser mais comum de acontecer –, mas também sobre nosso modo de percebê-las, sobre a sociedade dos adultos, feita pelos adultos e pensada para eles.

De acordo com Susana Cunha,

As imagens acabam constituindo acervos daquilo que deve ser admirado, preservado, repassado e cultivado pelas crianças. As produções culturais, sejam elas quais forem, programam nosso olhar sobre o mundo, definem e hierarquizam o que é bom, bonito, mal, feio e isto implica em estabelecer diferenças, territorialidades, forças de poder, inclusões e exclusões sociais, de quem pertence e quem não faz parte daquela esfera sócio-cultural. (2007, p. 141).

Se o camponês está longe da cidade, se “o seu lugar de vida é o contrário do da cidade e o seu trabalho é invisível, por ser o oposto ao “da cidade”, o seu modo de ser e a cultura são o oposto do que a cidade considera “civilização”, “civilizado”. (Brandão, 1983, p. 12). Simbolicamente, essa imagem do oposto ao cidadão gera um imaginário que não está atrelado apenas aos habitantes urbanos, mas também aos próprios moradores do campo, que muitas vezes se veem como aculturados, inferiores e irrelevantes dentro da dinâmica social, cultural e política da qual participam. E o mais grave é perceber que tal discurso pode ser proveniente de espaços onde deveria acontecer o oposto, como a escola:

Apesar da valorização da educação escolar por parte das famílias agricultoras ser constante atualmente, não há um movimento no sentido inverso, ou seja, de valorização das famílias agricultoras por parte da escola. Esta parece continuar reproduzindo estereótipos de atraso e ignorância associados ao meio rural. (Tassinari, 2014, p. 129).

A produção cultural feita para as crianças geralmente apresenta esse perfil do sujeito do campo oriundo de uma tradição visual construída em relação aos habitantes da cidade, da metrópole, do lugar onde tudo parece acontecer, seguindo uma tradição cultural que não se desvencilhou por completo dessa

caricatura, “revelando uma ideia que o habitante da urbe produz de si e de seu espaço ao diferenciar-se daquele a quem denomina caipira”. (Parrilla, 2006, p. 95-96).

Um exemplo dessa produção, feita prioritariamente pelos e para os cidadãos, e

considerado um dos principais símbolos de representação da criança camponesa nas escolas e na mídia brasileira, é o personagem de Chico Bento, “o típico caipira que anda de pé no chão, usa um chapéu de palha e toca modas de viola¹”.

Figura 01 – Chico Bento.



Fonte: http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Arquivo:Chico_bento.png.

Essa “versão mirim do Jeca Tatuⁱⁱ” foi criada pelo Cartunista Mauricio de Sousa em 1961, inspirado em um tio-avô que morava no interior de São Paulo e que ele sequer conheceu, apenas ouviu falar por meio das narrativas de sua avó, tendo sua primeira revista exclusiva lançada em 1982. Considerado símbolo de uma suposta universalidade identitária da tradição rural brasileira, ou que “parece traduzir o Brasil mais tradicional” (Celidonio, 2017, p. 73), Chico Bento é o caipira ligado a terra, sendo o único dos

principais personagens construídos por Mauricio de Sousa que vive no contexto rural, onde por meio dele o autor “busca demonstrar as diferenças entre a cidade e o campo, onde o campo é o atrasado e a cidade o moderno”. (Wrasse, 2013, p. 65).

O contraste talvez hoje esteja invertido em relação ao lugar, mas se evidencia sobre os sujeitos, ainda que Cristina Silva descreva o personagem criado por Maurício de Sousa “como um outro modelo de caipira, que não é Jeca, é um herói para a natureza e os amigos, mas

ainda um personagem ficcional”. (1997, p. 15), devido a sua relação com a terra onde vive e sua preocupação com o ambiente.

Comparando dois dos personagens, podemos constatar essa diferença entre o modo como são retratados nas músicasⁱⁱⁱ compostas para eles, em que a personagem da Mônica, que mora e vive na cidade, é retratada como uma menina inteligente, destemida e com atitude, enquanto o personagem de Chico Bento é aquele típico sujeito ingênuo, preguiçoso e folgado, que “pelo jeito nasceu já cansado”, como podemos observar em um dos trechos das canções no quadro 1.

Outro ponto que as canções relacionadas à Mônica e ao Chico Bento apresentam é uma clara distinção da

infância em comparação às suas ações cotidianas, no viver de ambas as personagens. Enquanto a canção de Mônica trata de atributos fortes de sua personalidade (sabichona, teimosa, mandona, etc.) e da dimensão do imaginário e do brincar, Chico Bento é apresentado quase sem atributos de personalidade (apenas a alegria) e os que aparecem são atributos fracos (como preguiça e cansaço), que reforçam a ideia do caipira como um sujeito com menos qualidades em relação aos citadinos. A dimensão da imaginação e da brincadeira não é evidenciada para Chico Bento e o trabalho é um elemento que aparece quase como inerente à criança do campo.

Quadro 1 – Quadro comparativo das canções.

| Mônica | Chico Bento |
|---|---|
| <p>Sou a Mônica, sou a Mônica Dentucinha e sabichona Sou a Mônica, sou a Mônica Tão teimosa e tão mandona Quando diz que sim, quando diz que não Mostra ter opinião Fico sempre falando e brincando Na sua imaginação</p> <p>Ela inventa tudo que é brinquedo Com a turminha gosta de brincar Se as meninas têm algum segredo Logo vem correndo me contar</p> <p>Se alguém sorrir, se alguém sorrir Aí nossa turma pode vir Se alguém chorar, se alguém chorar Estou sempre eu para ajudar Mas se algum menino me contrariar Vou mostrar que eu não sou boba não Vou lhe dando uma coelhada E ele vai até cair no chão.</p> | <p>O meu nome é Chico Bento Alegre i caipirão Chapéu de palha e pé no chão.</p> <p>Mar o dia vem raiando Vô vê o sor sair E vorta pra dormir.</p> <p>Quando eu penso im trabaiair Eu sinto uma cansera E vorta a cochilar.</p> <p>Chico Bento, Chico Bento, Caboclinho, alegre e forgado. Chico Bento, Chico Bento, Pelo jeito nasceu já cansado.</p> |

Fonte: Transcrição das canções realizada pelos autores (2019).

Ou seja, a ideia de Chico Bento que nos vem em mente é mesmo a de um Jeca Tatu em miniatura como o próprio site oficial assim o descreve. Um menino que anda com chapéu de palha, preguiçoso, que não gosta de trabalhar, folgado e “pelo jeito nasceu já cansado”. Essa imagem apenas reforça o estereótipo que se tem sobre os sujeitos do campo, nesse caso sobre as crianças que vivem neste contexto, e que não condiz sobre a realidade que muitos vivenciam.

Outro elemento que podemos trazer para o enfoque da análise é a variação linguística presente nas duas canções, que se diferenciam entre si. Notamos na música da Mônica uma coesão ortográfica e até mesmo fonética, que se distingue da encontrada em relação à canção do Chico Bento, que parece ter como objetivo reforçar uma imagem do ambiente camponês associada à ideia do lugar atrasado, onde o saber formal, sistematizado, e os conhecimentos sobre a

norma culta da língua portuguesa fizessem referência ao que está distante dela, aos espaços reservados para a civilidade.

Associada aos elementos visuais e seus atributos de personalidade, a linguagem utilizada para caracterizar Chico Bento faz emergir um certo preconceito social para com os sujeitos do campo. Ao apresentá-lo com erros gramaticais, ortográficos e fonéticos, ou seja, como “alguém que não sabe falar a própria língua materna”, de modo sutil, se cria o efeito de “discriminação com base no modo de falar”. (Bagno, 2003, p. 16-17). No comparativo entre a representação das crianças do campo e da cidade, se evidencia que as diferenças também se encontram no modo de falar e na relação com a linguagem. Como podemos observar também nas tirinhas referentes à revista do personagem (Sousa, 2015; 2016):

Figura 02 – Chico Bento.



Fonte: Chico Bento, n 1, maio de 2015, p. 21.

Figura 03 – Chico Bento.



Fonte: Chico Bento, n. 11, março de 2016, p. 33.

“Uma vez que toda linguagem é tida como uma forma de representar o mundo, a linguagem em Chico Bento nada mais é do que uma tentativa de reforçar a representação do ambiente rural apresentado nas HQs”. (Liberatti, 2012, p 28). Isso amplia a noção habitual que se tem do personagem e do ambiente em que ele está inserido no senso comum reproduzido histórica, social e culturalmente.

O aspecto semiótico da caracterização do personagem (roupas simples, chapéu de palha e pé no chão), além do cenário a ele atribuído na maior parte das vezes (entre os animais, às margens do lago, deitado sob árvores), também pode incidir para uma concepção estereotipada, e em muitos casos romantizada, em relação às crianças camponesas^{iv}.

A descrição das características de Chico Bento, no site oficial, é um exemplo do romântico imaginário a que se reporta Miguel Arroyo (2009) a respeito da concepção que se tem das crianças, neste caso das crianças camponesas, onde encontramos traços do “protótipo” do homem do campo que constitui uma permanência ressignificada (Parrilla, 2006). Pureza, simplicidade e simpatia, o que caracterizaria as pessoas do interior. Anda descalço, usa chapéu de palha e toca violão, além de pescar no rio, dormir na rede e brincar com os amigos; isso sem contar no fato de que não gosta de estudar e tem um carinho enorme pelos bichos.

“Quem disse que na zona rural as crianças são sempre boazinhas, generosas, que não aprontam, que não cometem malvadezas, não fazem birra, não discordam, não são egocêntricas, que não transgridem, que não gostam de estudar, tomar banho e se vestir bem?”, questiona Ticiania Horn (2010, p. 201). E um dos

estigmas mais graves que a população do campo carrega é o de não gostar de estudar, muito relacionado também ao fato de ajudarem seus familiares no trabalho produtivo de seus respectivos contextos – agrícola, pecuário, etc.

Um exemplo dessa característica encontra-se em uma tirinha do Chico Bento, em que ele se depara com seu amigo Zé Lelé caído no chão – este é um personagem que também vive no contexto camponês, e que traz outra referência pejorativa, o “Lelé” que compõe seu nome costuma ser um indicativo de alguém que é intelectualmente defasado. Caminhando pelo campo, Zé Lelé se surpreende com uma placa presa a uma árvore, escrito nela a palavra “PENSE!”. Ao ler o que a placa informa, o personagem aparenta realizar um grande esforço, levando o leitor a entender que ao ter que pensar, a criança camponesa aqui representada não seria capaz de suportar a ação, a ponto de cair desmaiada.

Figura 04 – Zé Lelé pensando.



Fonte: Depósito de Tirinhas.^v

Esse exemplo nos permite refletir sobre o quanto o estereótipo relativo aos camponeses pode ser prejudicial para compreender os aspectos históricos, políticos e sociais que perpassam uma questão como essa. Só o fato de sugerir que a criança, ou os sujeitos camponeses de modo geral, não pensa(m), é um indício do pré-conceito estabelecido e enraizado socialmente. Nesse caso, estudos etnográficos com e sobre crianças têm contribuído para revelar novos modos de retratar e apresentar as crianças em distintas culturas (Cohn, 2013).

Entre alguns estudos, podemos citar os trabalhos de Gustavo Couto (2016), que reconhece as crianças como atores sociais relevantes e argumenta que a forma de pensar e conceber a criança tem múltiplos impactos, que incidem sobre as relações que estabelecemos com as crianças; de Emilene de Sousa (2015), que destaca o quanto os estudos etnográficos têm contribuído para repensar a criança camponesa, no intuito de salientar a diversidade de sujeitos que compõem os universos infantis; e de Antonio da Silva (2017), que elabora sua reflexão etnográfica com crianças tendo como enfoque a relação tempo/espço na ação investigativa com estes sujeitos.

Logo, as pesquisas etnográficas, que cada vez mais interagem entre diferentes áreas do saber – como Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Comunicação, Educação, entre outras –, trazem dados e reflexões que questionam e ajudam a problematizar ideias e concepções que estão, histórica e culturalmente, arraigadas em boa parte da sociedade, como a que pudemos identificar na tirinha do Chico Bento (Figura 04), ao reafirmar a criança e o sujeito do campo como aquele que é “incapaz”, até mesmo de pensar.

Antonella Tassinari, em pesquisa com profissionais das escolas do município de Turvo, no estado do Paraná, apresenta alguns dados referentes ao rendimento escolar de crianças camponesas que contribui para contestar o quadro geral que costuma ser reservado às crianças do campo, sobretudo devido ao fato de que muitas delas precisam articular o tempo da escola com o tempo do trabalho. Sua pesquisa demonstrou que as crianças “que realizam atividades produtivas nas propriedades da família tendem a ser mais comprometidas com os estudos e valorizam mais a escola”. (Tassinari, 2014, p. 128). Ainda segundo a antropóloga brasileira,

As entrevistas com professores e coordenadores das escolas enfatizaram que os alunos que estão envolvidos com atividades produtivas têm um rendimento igual ou superior à média dos colegas. Isso pôde ser confirmado com a análise dos boletins dos alunos. Também observaram que as crianças que ajudam os pais na propriedade familiar têm maior senso de responsabilidade, respeito aos professores e valorização da escola. (Tassinari, 2014, p. 127).

Na verdade, há um fundo muito mais complexo que precisa ser levado em consideração quando se associa escola, trabalho e estudantes do campo, pois a pesquisa de Santos (2014) demonstra que esse discurso se refere mais a um preconceito socialmente difundido como verdade do que a realidade em si. Causas econômicas, culturais e políticas, comprovadas sociológica e antropológicamente (Silva, 1997), se interconectam em relação a essa suposta “preguiça” – tanto no que diz respeito ao trabalho quanto aos estudos – dos camponeses.

Assim, a realidade das crianças rurais se reduz a um formato único, que direciona nosso olhar e o modo como assimilamos e (re)produzimos essa imagem. Se é difícil conceber uma imagem da infância e da criança no contexto urbano onde as complexidades são muitas e diversas, o mesmo ocorre no campo, onde os problemas não são inferiores e nem

menores do que os da cidade; são apenas diferentes.

A imagem de Chico Bento descalço, de camisa xadrez, calças curtas, chapéu de palha, entre outras coisas, ensinam um modo de ser rural. Os significados que culturalmente construímos em torno de uma determinada forma procuram representar o sujeito típico que vive nesse espaço. É extremamente difícil encontrarmos outros modos e modelos de personagens rurais. Essa não variação, a não disposição de outras formas de ser rural acaba se tornando uma espécie de padrão, de modelo verdadeiro, especialmente para as crianças, que o tomam como um modo de ser e ver, definindo como são as coisas e pessoas a partir desse “molde” disponível. (Horn, 2010, p. 204).

Esse padrão, ou “modelo verdadeiro”, atinge a todos, inclusive os camponeses. Para uma criança do campo que se vê e se percebe como inferior a partir dessa produção cultural que lhe afirma constantemente esse imaginário, o melhor modo de se ver a partir de outra perspectiva muitas vezes é aceitar essa “verdade” e ter o referencial da cidade e de suas pessoas como modelo formativo. Um processo que acaba “tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra”. (Bosi, 2003, p. 176).

Dessa forma, é necessário rever as representações visuais sobre esses sujeitos que vivem no campo e como são apresentados, pois sabemos que “as infâncias rurais são múltiplas, variadas e

têm direito de aparecerem, serem retratadas e vistas de outros modos e meios, de uma maneira plural, e não unicamente formatada por uma imagem velha e já bastante distorcida”, como ressalta Ticiania Horn (2010, p. 206). Trata-se de problematizar essa concepção e, se possível, demonstrar que ela pode não ser aquilo que afirma.

Algumas considerações para complementar

“Em verdade, o sociólogo deve ver as coisas de um modo mais complexo”, esclarecia Marcel Mauss (2003, p. 417). Essa afirmação pode ser estendida da Sociologia para todas as áreas do saber, uma vez que é tarefa do pesquisador localizar o discurso para além de suas aparências, acrescentando a elas questões que permitam perceber suas raízes históricas.

Neste texto propomos dialogar com uma produção visual voltada às crianças, o personagem de Chico Bento, desenvolvido pelo cartunista Maurício de Sousa, que é hoje um dos principais símbolos culturais que elabora e formata modos de olhar os sujeitos do campo, bem como o seu lugar, ainda que baseada numa perspectiva citadina (Parrilla, 2006).

Pensar as crianças e infâncias camponesas requer ter em mente realidades

distintas e heterogêneas, por si só plural e diversificada, ao considerarmos que são vários os “campos” – e os sujeitos que neles vivem – que compõem o Brasil. Essa abordagem possibilita ver o mundo não como ele muitas vezes nos é mostrado, mas como de fato é; e também como ele pode ser, a partir de outra configuração que não seja a de um pensamento único (Santos, 2000).

Os modos de ver e retratar os sujeitos do campo “difundiram-se e penetraram com grande força no imaginário social, podendo-se perceber a permanência [nas histórias do Chico Bento], mesmo que ressignificada, de elementos que as constituíram”. (Parrilla, 2006, p. 98). O campo continua como lugar de atraso em relação à cidade, mesmo que haja uma forte narrativa idílica, assim como seu personagem principal permanece como rústico e preguiçoso, ainda que bondoso e ingênuo.

“A representação que a mídia construiu a respeito do homem do campo demonstra-se, geralmente, descontextualizada e permeada por preconceito”, afirma Franciele Parrilla (2006, p. 176). Em relação ao personagem aqui trabalhado e seu local de vida, podemos perceber que essa descontextualização pode estar associada

ao fato de ser a percepção de um sujeito urbano sobre aqueles que são do interior.

o contraste entre o campo e a cidade encontra-se presente também nas HQs do Chico Bento, em que predomina uma representação idealizada do campo caracterizado como local da tranquilidade, da saúde (física e psíquica), do bem estar, da harmonia, da paz, dos valores autênticos, das virtudes simples e da moral irrepreensível de seus habitantes. Em oposição, a cidade é qualificada negativamente como um lugar de caos, de poluição, de discórdia, de doença, de mundanidade e de ambição. Entretanto, vale lembrar que tais imagens não se constroem sem ambiguidades, visto que em diversos momentos, o caipira aparece caracterizado como inculto, incapaz, atrasado, o que colabora para a difusão de um estereótipo do homem do campo ... (Parrilla, 2006, p. 240).

Os registros visuais, e os discursos que eles transmitem, ou que deles se emitem, geram leituras sociais e contribuem para a construção de um imaginário coletivo. Apesar do maior acesso a diferentes artefatos culturais em ambientes formativos (Andrade, 2017) e de uma maior possibilidade de leitura política (Kellner, 2001) das representações que a mídia, em diferentes contextos, apresenta – e que permeia desde sua conjuntura histórica a aspectos técnico-estéticos –, percebemos uma forte influência de velhas construções imagéticas, como é o caso de Chico Bento, no que diz respeito à produção e difusão de repertórios culturais

sobre determinados grupos e/ou sujeitos culturais.

Richard Sennett, reportando-se a Roland Barthes, problematiza os repertórios culturais que as pessoas costumam usar quando estão diante de contextos diferentes daqueles a que está habituado, e o poder de julgamento desses repertórios. Segundo o sociólogo e historiador estadunidense, nestes cenários “complexos ou não familiares, o indivíduo tende a classificar o que vê de acordo com categorias simples e genéricas, baseadas em estereótipos sociais”. (Sennett, 2008, p. 367).

Diante da imagem que Maurício de Sousa e seus colaboradores fazem do campo e dos sujeitos que nele habitam, é comum que se construam categorias simples e genéricas para se pensar as crianças e infâncias a ela associadas.

Stuart Hall (1997) constatava que os meios de produção, circulação e troca cultural estavam se expandindo por meio das tecnologias e da revolução da informação, o que levaria à construção de novas representações sociais, baseadas não somente no discurso hegemônico. A descentralização do poder de produção e difusão cultural promoveria assim a constituição de outras subjetividades, ressignificando o imaginário social relacionado às representações

convencionais que buscam homogeneizar lugares e sujeitos.

Percebemos que esse trabalho, quando relacionado aos sujeitos do campo, ou mais especificamente às crianças e infâncias camponesas, que continuam sendo representadas, de modo mais abrangente, a partir de referenciais citadinos – que detêm o poder de construir e instituir suas narrativas –, precisa de maior cuidado para não se (re)produzir discursos cristalizados que negam a pluralidade dos seus contextos.

Destacamos ainda que análises futuras, trazendo mais elementos para problematizar e refletir a respeito das crianças no e do campo, de acordo com a perspectiva que aqui compartilhamos, poderão contribuir no aprofundando da temática, orientando nosso olhar contra as caricaturas que disseminam um imaginário social pautado em ideias preconcebidas sobre os sujeitos camponeses e o seu espaço de vida e atuação.

Referências

Andrade, P. D. (2017). Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. In *Anais Anped – GT16 – Educação e Comunicação* (pp. 1-16). São Luís, MA.

Arroyo, M. G. (2009). *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bagno, M. (2003). *A norma oculta da: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.

Belloni, M. L. (2007). Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, 25(1), 41-56. Doi: <https://doi.org/10.5007/%25x>

Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.

Brandão, C. R. (1983). *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Burke, P. (2004). *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC.

Celidonio, B. (2017). Chico Bento, fatores culturais que fazem do personagem um caipira chinês. *Temática*, 13(12), 65-80. Doi: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2017v13n12.37590>

Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel.

Cohn, C. (2013). Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, 13(2), 221-244. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>

Couto, G. D. C. (2016). *Brincando na terra: tempo, política e faz de conta no acampamento Canaã (MST - DF)* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.

Cunha, S. R. V. (2007). Pedagogia das imagens. In Dornelles, L. V. (Org.). *Produzindo pedagogia interculturais na infância* (pp. 113-145). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Elias, N. (1990). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, v. 1.
- Elias, N., & Scotson, J. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Fantin, M. (2006). As crianças e o repertório lúdico contemporâneo: entre as brincadeiras tradicionais e os jogos eletrônicos. *Revista Espaço Pedagógico*, 13(2), 9-24. Doi: <https://doi.org/10.5335/rep.v13i2.7829>
- Godoi, E. P. (2009). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. São Paulo, SP: UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, 22(2), 15-46.
- Horn, T. (2010). “É qui eu num sei de nada de nada!” Visualidades sobre a infância rural em artefatos visuais endereçados às crianças. In Martins, R., & Tourinho, I. (Orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola* (pp. 191-208). Santa Maria, RS: Ed. da UFSM.
- Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC.
- Le Goff, J. (1998). *Por amor às cidades: convenções com Jean Lebrun*. São Paulo, SP: Fundação Editora da UNESP.
- Liberatti, E. (2012). *Ara, Chico; Aw, Chuck: uma tradução funcionalista de quadrinhos do Chico Bento* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Lobato, M. (1969). *Urupês*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Mauss, M. (2003). As técnicas do corpo. In Mauss, M. *Sociologia e antropologia* (pp. 399-422). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Mirzoeff, N. (2003). *Una introdución a la cultura visual*. Barcelona, Espanha: Paodós Ibérica.
- Moura, M. M. (1988). *Camponeses*. São Paulo, SP: Ática.
- Novaes, J. V. (2011). Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In Priore, M. D., & Amantino, M. (Orgs.). *História do corpo no Brasil* (pp. 477-506). São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Parrilla, F. A. (2006). *Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade? A representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento (1982-2000)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- Saint-Hilaire, A. (1972). *Viagem à província de S. Paulo*. São Paulo, SP: Livraria Martins/Editora da USP.
- Santos, J. D. A. (2013). “O professor é importante, porque é porque se não for aí não é”: escutando as crianças e pensando o professor (Monografia de Graduação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Santos, J. D. A. (2014). *Leituras de nossa vida: as vozes do sertão*. Aracaju, SE: Editora J Andrade.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Sennett, R. (2008). *Carne e pedra*. Rio de Janeiro, RJ: BestBolso.

Silva, C. S. (1997). Chico Bento: um herói caipira. A comunicação mediatizada e a mudança do caipira. *INTERCOM*, 2-15, São Paulo.

Silva, A. L. (2017). Tempo e espaço na pesquisa etnográfica que inclui as crianças. *Psicologia & Sociedade*, (29), 1-11. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i168810>

Simon, R. I. (1995). A pedagogia como uma tecnologia cultural. In Silva, T. (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais na educação* (pp. 61-84). Petrópolis, RJ: Vozes.

Sousa, M. (2015). Dia de gincana. *Chico Bento*, São Paulo, (1).

Sousa, M. (2016). Tudo junto e misturado. *Chico Bento*, São Paulo, (11).

Souza, E. L. (2017). *Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC.

Souza, E. L. (2015). As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. *Iluminuras*, 16(38), 140-164. Doi: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.57434>

Tassinari, A. M. I. (2014). Ajudando e aprendendo: a participação das crianças nas atividades produtivas da agricultura familiar. In Tassinari, A. M. I., Almeida, J. N., & Resendíz, N. R. (Orgs.). *Diversidade, educação e infância: reflexões antropológicas* (pp. 97-131). Florianópolis, SC: Ed. da UFSC.

Tomás, C. (2007). Paradigmas, imagens e concepções da infância em sociedades mediatizadas. *Media & Jornalismo*, 11(11), 119-134.

Williams, R. (1989). *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Wrasse, D. L. (2013) *O caipira Chico Bento: representações do caipira nas histórias em quadrinhos do Chico Bento de Mauricio de Sousa (1962-2012)* (Monografia de Graduação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.

Zerner, H. (2012). O olhar dos artistas. In Corbin, A., Courtine, J., & Vigarello, G. (Orgs.). *História do corpo: da revolução à grande guerra* (pp. 101-139). Petrópolis, RJ: Vozes.

Zucchetti, D. T., & Bergamaschi, M. A. (2007). Construções sociais da infância e da juventude. *Cadernos de Educação*, (28), 213-234. Doi: <http://dx.doi.org/10.15210/caduc.v0i28.1801>

ⁱ Descrição encontrada no site oficial: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/chico-bento/>

ⁱⁱ Conforme descrição do site: “Chico Bento nasceu das observações do Mauricio junto ao homem do campo... Na época, ele era uma versão mirim do Jeca Tatu, personagem clássico das histórias de Monteiro Lobato.” (grifo nosso).

ⁱⁱⁱ As músicas podem ser conferidas nos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=qk7coRh6gC8> e <https://www.youtube.com/watch?v=BHo-zgE6GXU>

^{iv} No site oficial da Turma da Mônica podemos encontrar a seguinte descrição: “Chico Bento é uma criança que representa a **pureza**, a **simplicidade** e a **simpatia** que **caracterizam** as pessoas do interior paulista. É o **típico caipira** que anda de **pé no chão**, usa um **chapéu de palha** e **toca modas de viola**. Mora na Vila Abobrinha, onde adora gastar seu tempo **nadando no rio**, **pescando**, **dormindo na rede** e **brincando** com os seus amigos. **Não é muito chegado aos estudos** e tem um **carinho enorme pelos animais** do seu sítio, como a galinha

Giselda, o porquinho Torresmo e a vaca Malhada”.
(grifos nosso)

^v A tirinha está disponível em <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/image/23924801902>

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 23/01/2019

Aprovado em: 10/03/2019

Publicado em: 28/05/2019

Received on January 23th, 2019

Accepted on March 10th, 2019

Published on May, 28th, 2019

Contribuições no artigo: Os autores foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final a ser publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version to be published.

Conflitos de interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

José Douglas Alves dos Santos



<http://orcid.org/0000-0002-7263-4657>

Éverton Vasconcelos de Almeida



<http://orcid.org/0000-0002-8404-2026>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Santos, J. D. A., & Almeida, E. V. (2019). Chico Bento e as representações sociais da infância. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, 4, e6446. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6446>

ABNT

SANTOS, J. D. A.; ALMEIDA, E. V. Chico Bento e as representações sociais da infância. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 4, e6446, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6446>